

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DO PIBID: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO CAMPO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

***BODY, GENDER AND SEXUALITY IN THE EXPERIENCE OF PIBID: POSSIBILITIES OF EDUCATIONAL INTERVENTION IN THE FIELD OF CULTURAL DIVERSITY***

Leandro Kenner Carvalho

**Resumo**

O presente trabalho tem como foco a investigação da intervenção pedagógica do PIBID de Educação Física no que diz respeito ao objeto de estudo relativo à relação Corpo, Gênero e Sexualidades na educação contemporânea que permeiam as aulas com as turmas da primeira fase do Ensino Fundamental na Escola Estadual Madre Natividade/ Catalão Goiás. A necessidade de abordar essa temática relaciona-se com a reelaboração de lembranças de minha infância e adolescência, em especial, aquelas relativas à experiência pessoal da vida escolar no âmbito dos ritos de socialização da escolarização. Esta pesquisa trata-se de uma pesquisa ação, em que o objetivo é construir algumas estratégias metodológicas no PIBID para intervir nas concepções estereotipadas em relação ao corpo. Analisamos e chegamos a conclusão que as próprias professoras interferem e reproduzem os padrões hegemônicos e disciplinadores, patriarcais, sexistas e homofóbicos em relação ao corpo. Portanto, a elaboração da intervenção pedagógica no campo da pesquisa ação, em consonância com andamento das análises da investigação podem ser pertinentes, ao trazerem contribuições significativas na construção de sujeitos que saibam da necessidade ética de construir uma sociedade mais justa e igualitária, que passa pela igualdade e liberdade no campo das relações de gênero e sexualidades.

**Palavras Chave:** Corpo; Gênero; Sexualidade; Educação Física.

# Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

## Abstract

This work focuses on the investigation of the pedagogical intervention PIBID Physical Education with regard to the object of study on the relationship Body, Gender and Sexualities in contemporary education that permeate the classes with the classes of the first phase of Elementary Education at School state Madre Nativity / Catalan Goiás the need to address this issue relates to the reworking of memories of my childhood and adolescence, in particular those relating to the personal experience of school life under the rites of socialization of schooling. This research is in action research, where the goal is to build some methodological strategies PIBID to intervene in stereotypical ideas about the body. We analyze and came to the conclusion that the teachers themselves interfere and reproduce hegemonic and disciplinarian, patriarchal, sexist and homophobic in relation to the standards body. Therefore, the development of pedagogical intervention in the field of action research, in line with ongoing analysis of research can be relevant to bring significant contributions to the construction of subjects who know the ethical necessity of building a more just and egalitarian society, which passes through equality and freedom in the field of gender relations and sexualities.

**Keywords:** Body; Gender; Sexuality; Physical Education.

O presente trabalho tem como foco a investigação da intervenção pedagógica do PIBID<sup>1</sup> da Educação Física no que diz respeito ao objeto de estudo relativo à relação Corpo, Gênero e Sexualidade na educação contemporânea que permeiam as aulas com as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano da primeira fase do Ensino Fundamental na Escola Estadual Madre Natividade da cidade de Catalão/GO.

---

<sup>1</sup>O PIBID é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, mantido pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tem como objetivo a formação inicial de professores, tendo como finalidade a valorização das licenciaturas, apoiando os estudantes das instituições federais e estaduais de Ensino Superior, buscando sempre trabalhar com processos metodológicos de pesquisa para superação de problemas enfrentados para contribuir no processo de ensino - aprendizagem, para que os professores em formação venham se tornar os protagonistas nos processos formativos, evitando a evasão de alunos nos cursos de licenciatura, garantindo uma educação de qualidade.

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Ingressei no PIBID da Educação Física em abril de 2012, em que inicialmente elaboramos um processo de fundamentação teórico-metodológica para o planejamento das aulas, com leituras, mostras de filmes e vídeos, debates e discussões acerca de temáticas, textos e livros que envolvem estudos voltados para o campo da Educação e Educação Física, sendo que inicialmente desenvolveríamos o trabalho no Colégio Estadual João Netto de Campos, na cidade de Catalão Goiás.

Após o percurso de estudos e embasamento para iniciar a prática pedagógica, iniciamos as intervenções com uma turma do oitavo ano da segunda fase do Ensino Fundamental. Elaboramos as aulas divididas por conteúdos temáticos, que temos como norte o que SOARES (1992) define por conteúdos que compõem a disciplina de Educação Física:

Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física. (SOARES, 1992 p.10)

Ao iniciar as intervenções na escola, uma das dificuldades bastante emergente na aula, era com as relações de gênero e sexualidade permeava aquele ambiente, em que aquelas dificuldades começaram a me inquietar, nesse momento comecei a me interessar e trabalhar mais profundamente com essas questões.

No início do ano de 2013 decidimos então nos deslocar de uma escola para outra, em que a Instituição de Ensino proposta foi o Colégio Estadual Madre Natividade, uma escola que possui apenas a primeira fase do Ensino Fundamental, sendo que elaboramos, planejamos e sistematizamos as aulas com os mesmos conteúdos temáticos já trabalhados no Colégio anterior.

Desde o início da intervenção do PIBID na escola campo, analisamos o contato corpo a corpo, em que meninos e meninas evitam a aproximação com outros colegas do mesmo sexo e até mesmo com o sexo oposto, sendo presente esse distanciamento nas brincadeiras e nos conteúdos relativos as aulas da disciplina curricular Educação Física. Pudemos observar que esse contato é evidentemente evitado na mediação pedagógica de professores/as na escola. Esse distanciamento é perceptível, principalmente, nas relações

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

entre meninos, em que a sexualidade dos mesmos já é questionada desde a infância, como se o homem que tiver contato com outra pessoa do mesmo sexo que seja de uma forma carinhosa, como pegar na mão, abraçar, ficar lado a lado, conseqüentemente viesse, futuramente, ou até mesmo no momento do contato, se descobrir homossexual. Assim, percebe-se a ideia de como o corpo, principalmente do homem, deve ser impermeável, fechado para novas experiências e conhecimentos no âmbito das dimensões corporais.

Pode-se reconhecer a relação que as aulas de Educação Física trazem para que possamos discutir e (re) pensar como os corpos femininos e masculinos devem estar presentes perante a cultura, principalmente a escolar. Deve-se considerar que as aulas desta disciplina necessitam de experiências em relação ao corpo, adquirindo novos contatos com conteúdos e atividades não trabalhados de costume em outras disciplinas. Verifica-se que a aula da disciplina curricular Educação Física configura-se como a grande “vilã” quando pensamos em repressão/expressão, exclusão/inclusão, sendo muitas vezes o espaço em que os alunos, são permitidos de expressar seus corpos, experimentarem novos movimentos, expressões, comportamentos, gestos e possibilidades. É a partir dessas vivências nas aulas de Educação Física que iniciam os questionamentos sobre as atitudes dos alunos, as cobranças e respostas esperadas em relação a sexualidade dos indivíduos, vindos da escola, dos pais, e dos/as próprios/as professores/as que acabam muitas vezes reproduzindo essas relações em sala de aula, controlando as dimensões da sexualidade a todo o momento.

Com relação a demarcação do disciplinamento do corpo e da sexualidade masculina na sociedade, LOURO (2010) afirma que,

Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase que impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação (p.27).

Com essa afirmação da autora, podemos observar o pesado disciplinamento e controle que incide sobre o sexo masculino em relação a atividade e a obrigatoriedade em

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

algo, sendo mais cobrada e controlada em relação a mulher, pois como descrito anteriormente, o contato entre meninos do sexo masculino com indivíduos do mesmo sexo podem ser observados em nossa sociedade mais que em relação a mulher, pois vivenciamos no nosso dia a dia esse contato que meninas possuem umas com as outras, sendo vistas como simplesmente amigas, colegas, irmãs. Em alguns casos, vinculados a dimensão do estereotipo, podem ser julgadas e taxadas como um sujeito desviante dos padrões normativos.

Contudo, argumentamos que em relação ao homem a questão é mais severa. Podemos vivenciar situações diferentes, meninos cada vez mais agressivos, violentos, demonstrando a atitude que o homem deve ter perante a sociedade, não podendo demonstrar sentimentos, emoções, afeto, carinho e muito menos um contato de aproximação de um sujeito do mesmo sexo, pois, se caso uma dessas situações acontecerem, conseqüentemente serão esses taxados como homossexuais ou desviantes da norma estabelecida na cultura em que estamos inseridos.

Pesquisando e dialogando com as teorias críticas e pós-críticas, entendemos e conceituamos neste trabalho como sexo, a referencia de feminino e masculino a partir do contexto biológico, relativo a genitália, mas também sócio cultural, consideramos assim, os possíveis deslocamentos existentes no campo da sexualidade.

“... gênero se constitui na pratica social que se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino obriga (...) levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos.(...) o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversas.” (LOURO, 1997, p.22-23).

Sendo assim, o gênero se conceitua pelos deslocamentos presentes na contemporaneidade, direcionados para o sexo feminino quanto para o masculino, em que a própria cultura define e marcam os padrões normativos, o que é ser menino e o que é ser menina, em que os sujeitos podem construir sua identidade através de uma pluralidade que os rodeiam.

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Entretanto, os conceitos trazidos aqui, servem para nortear nosso trabalho, portanto não nos fechamos a pensar o corpo simplesmente pelos conceitos presentes para contextualizar o gênero, o sexo e a sexualidade, em que acreditamos que todos estes são construções que acabam muitas vezes demarcando e transformando o corpo transitório em um corpo hegemônico, dentro dos padrões, sendo que pensamos o corpo através das subjetividades e a singularidade existente em cada sujeito.

Assim, surge a necessidade de abordar essa temática relacionando-a a elaboração de lembranças de minha infância e adolescência, minha experiência pessoal da vida escolar, na qual os professores, em especial situando as marcas significativas do meu professor de Educação Física, que não conseguia garantir que todos os alunos tivessem contato uns com os outros, separando os conteúdos temáticos por sexo, causando um distanciamento entre meninos e meninas, em que homem só jogava futebol se gostasse e mulher jogava voleibol, caso nenhum gostasse do jogo proposto por sexo ficaria de fora, excluído dos tempos e espaços da aula de Educação Física.

Com esse relato posso explicitar como me sentia diferente, anormal dos outros meninos por não gostar de futebol, pensava que o problema seria comigo mesmo, pois, o próprio professor não desconstruía as piadas, xingamentos e preconceitos que eram a mim dirigidos, como por exemplo, “veado”, “boiola”, “ele deve ser gay”, simplesmente por não gostar de futebol. Com relação a essa questão, Louro (2010) afirma que em nossa sociedade o que prevalece é a cultura de que o homem que é homem tem e deve gostar do futebol.

Com todas essas lembranças negativas, de exclusão, repressão, me lembro que eu sempre me perguntava, porque essa imposição e obrigatoriedade em jogar futebol iria fazer de mim um sujeito heterossexual, causando duvidas, medos, sem que o professor problematizasse e elaborasse uma reflexão critica acerca da construção histórica social/cultural do ser homem e o ser mulher, como também das piadas preconceituosas e estereotipadas em relação a atividade sexual, ausências de discussões que tratassem de problemáticas que envolvessem o corpo, o gênero, as várias formas de se vivenciar e se deslocar no campo da sexualidade, como também, o trato com as diferenças e o respeito.

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Pensava eu, que algo de errado deveria acontecer com quem fosse homossexual, pois escutava a todo tempo, a escola, os colegas, a família, a igreja em que eu frequentava, falas que evitassem e negassem a homossexualidade, me questionava frequentemente se um indivíduo por ter sua sexualidade fora dos padrões normativos deixaria de ser menos humano do que quem estivesse vivendo inserido nos padrões heterossexuais.

“Não só a escola, mas todo e qualquer espaço educativo, atua como agente socializador dos seres humanos e junto com a família são responsáveis pela elaboração de valores, atitudes e preconceitos. Essa elaboração pode ser tanto reafirmadora de valores e preconceitos como pode ser contestadora, criadora de outras atitudes. A escola e os/as educadores/as não estão subtraídos da cultura mais ampla, estão nela imersos, mas podem pela sua própria característica apresentar-se como espaço de indignação frente as discriminações e preconceitos.” (UNBEHAUM, 2010, p.31).

Na escola em que eu estudava o menino que jogava futebol tinha as atitudes que o homem na nossa sociedade deve demonstrar e expressar para ser considerado, grosso modo, “homem de verdade”, como ser agressivo, viril, relacionando a identidade sexual do indivíduo à norma estabelecida em nossa cultura, a imagem do homem heterossexual, enquanto os outros que não se consideravam e nem agiam com essas atitudes de relações de poder e autoritarismo, eram tratados somente como “os outros”, “os diferentes”, “os anormais”, “os estranhos”, e até mesmo como homossexuais (GROSSI, 2004).

Silva; Goellner 2003, salientam:

“A centralidade conferida ao corpo do homem, a perfeição expressa num dado tipo de anatomia, a saúde, a beleza, a limpeza física, moral e intelectual projeta-se no corpo, reforçam e reinventam o referente masculino, marginalizando, excluindo e ocultando aqueles que não se enquadram nesta representação cultural e historicamente construída: a de homem, branco, heterossexual, ocidental, saudável e robusto.” (SILVA; GOELLNER, 2003, p.39).

Considero a partir de meu relato e de minhas lembranças, que o professor deveria ser o responsável por oferecer possibilidades para que todos os alunos tivessem contato com a cultura corporal, pela diversidade de conteúdos, em que alunos pudessem construir sua identidade a partir das aulas de Educação Física, não para a construção impositiva e determinante da sexualidade “normal” ou “anormal”. O professor deveria ser o mediador para

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

desconstruir esses preconceitos e tabus preestabelecidos pela sociedade e construídos no dia a dia com as relações de gênero e sexualidade.

Ao ingressar no Curso de Graduação em Educação Física, tivemos outro momento significativo para a construção e motivação de elaborar este trabalho, que se deu com a realização da disciplina de Núcleo Livre “História e Relações de Gênero”, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Eliane Martins de Freitas, do curso de História, do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás (CAC/UFG), realizada no primeiro semestre de 2012. Esta disciplina nos auxiliou e nos motivou, trazendo reflexões acerca da sexualidade, como também das lembranças que me restaram dúvidas e questionamentos advindos da minha vida escolar, dando inspiração para pesquisar e aprofundar nessas questões, através de aulas expositivas, mostras de vídeos e filmes, leituras e trabalhos direcionados para o campo do conhecimento sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Até então, antes de iniciar esta disciplina não tínhamos conhecimento sobre assuntos importantes a serem tratados voltados para o campo da sexualidade, principalmente no ambiente escolar, foi então com os debates e leituras em aula que pudemos ter uma formação específica para estudar e pesquisar este eixo temático.

Sendo assim, essa pesquisa tem como objeto de estudo a relação de corpo, gênero e sexualidade na primeira fase do Ensino Fundamental, com a problemática de como o homem e a mulher se comportam e se entendem como sujeitos do seu sexo no ambiente escolar, espaço este no qual percebemos um distanciamento de alunos e alunas do mesmo sexo, com medo de serem taxados e rotulados como homossexuais, lésbicas, diferentes, anormais, com maior visibilidade nos conteúdos da Educação Física Escolar, bem como ouvimos piadas preconceituosas emergentes naquele ambiente, em que professores (as), pais/mães e a nossa cultura interferem a todo o momento nessa construção de uma imagem estereotipada do corpo presente na sociedade, aumentando cada vez mais os preconceitos, diferenciações e enganos.

Assim, surgiu o interesse em desenvolver esse trabalho na Escola de Intervenção do PIBID da Educação Física no contato com a problemática que envolve a constituição identitária do corpo feminino e masculino e de sua representação cultural na sociedade.

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Começamos a nos inquietar a partir daí e pesquisar, como os símbolos e as linguagens corporais interferem no estereótipo do que é ser homem e o que é ser mulher, ou o que é do homem e o que é da mulher, questionamentos em relação a sexualidade dos alunos que fazem com que os tabus existentes na sociedade só aumentem, como os signos e as simbolizações, como as cores representam e interferem na imagem dos indivíduos em relação a sexualidade.

Assim, o objetivo da intervenção na pesquisa ação não é fazer com que meninos deixem de usar o azul e as meninas deixem de usar o rosa, pelo contrário, o objetivo perpassa por mediar que os alunos de ambos os sexos possam gostar e utilizar todas as cores sem nenhum preconceito estabelecido desde a infância, isso, para que na vida desses indivíduos na fase adulta não tenham essa concepção de corpo e sexualidade associado simplesmente por algo simbólico, como o caso das “cores de homem e cores de mulher”.

A perspectiva é fazer com que os indivíduos investigados possam se relacionar com todos os sujeitos, seja, homem, mulher, heterossexual, homossexual, não havendo essa distinção de pensar o corpo associado a padrões normativos hegemônicos, demarcados pelo seu papel exercido na sociedade, ao movimento ou gesto expressado pelo corpo, a relação de amizade ou companheirismo na aproximação e reconhecimento do corpo feminino e masculino. Portanto, contribuir para que os alunos possam reconhecer que não devemos nos rotular, nos demarcar e nem nos entender enquanto negros, brancos, heterossexuais, homossexuais, e sim enquanto gente, enquanto seres humanos, enquanto sujeitos que são capazes de respeitar as singularidades, as diferenças do próprio eu, entendendo que cada sujeito possui um universo em si.

Dessa forma, mostra-se que o corpo independentemente de suas expressões continuará sendo um corpo feminino e masculino biologicamente e geneticamente, que as mudanças e transformações feitas e apropriadas nessa corporalidade são elaboradas e rodeadas de uma ampla pluralidade e diversidade, seja nas construções da nossa cultura familiar, religiosa, estando ao nosso redor todo um percurso de construções históricas, sociais e culturais, sendo que todas estas, em todos os ambientes, são formas de pedagogias da sexualidade, (LOURO 2010).

Pensamos que se os interditos fossem contrários, se essa pluralidade de conceitos nos rodeando fossem diferentes, se a escola, a família, o trabalho, a cultura, a sociedade,

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

não controlasse a todo instante esses corpos, não reprimisse suas vontades, suas formas de se expressar, tentando minimizar os preconceitos, as rotulações, imagino eu que o mundo em que vivemos e estamos inseridos seria bastante diferente, diminuindo as violências, a desigualdade, normalizando a liberdade de ser quem e como quisermos ser. Com essa questão, podemos relacionar o que ADORNO (2006), nos chama a atenção a todo o momento, para “que Auschwitz não se repita”, para que não repetíssemos e reproduzíssemos todas as barbáries que aconteceram naqueles campos de concentração, simplesmente por não respeitar o diferente, o novo e o singular. Assim, tornaríamos sujeitos seres humanos, o que imagino que estamos em um percurso longo para que isso venha acontecer, por esses motivos o presente trabalho surge com essa perspectiva de contribuir com as mudanças e transformações necessárias no ambiente escolar, para que aqueles seres tão pequenos tenham uma visão diferente de mundo e corpo.

O trabalho foi elaborado a partir de estudos e leituras na área da Educação e Educação Física, que pudessem fundamentar e potencializar nosso trabalho, como também, observações, visitas, análises e intervenções na escola campo, investigando como THIOLENT (2002), chama de Pesquisa- Ação, se caracterizando como pesquisa de campo de caráter exploratório, tendo como fontes, registros com fotos, filmagens que foram transcritas e se encontram em anexo, como também anotações e observações descritas em diário de campo.

Nosso campo de pesquisa e intervenção foi na Escola Estadual Madre Natividade no Município de Catalão/GO, que atende crianças da primeira fase do Ensino Fundamental, primeiro ao quinto ano, fazendo observações de como os alunos se relacionavam uns com os outros, como eram as relações destinadas ao movimento e expressão do corpo, o como eram as visões e imagens que a escola, os alunos e principalmente os professores tinham em relação aos estereótipos, o que é do homem e o que é da mulher, o que um pode e o outro não pode, o que é certo e o que não é certo, o que é normal e o que é anormal, contribuindo cada vez mais para a construção da imagem do que é ser um homem na nossa cultura e o que é ser uma mulher. Uma cultura em que meninos e meninas não sabem diferenciar que independentemente de suas expressões, seus desejos, suas vontades, seus movimentos, a relação com o seu corpo nada será alterada, continuarão estes, sendo homens, mulheres, e o mais importante, seres humanos, em que o PIBID poderá contribuir para a concepção dos alunos de que independente das várias formas de se viver as

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

sexualidades, ainda assim continuarão se assim desejarem, serem homens e mulheres, respeitados e com direitos iguais, sem distinções, sabendo que existe o diferente, mas que este precisa e deve ser respeitado.

Para que o trabalho fosse elaborado e construído de uma forma significativa, rica, transformadora e emancipadora, foram construídas algumas estratégias metodológicas para intervir na forma pedagógica de trabalhar, sendo que conforme iam surgindo problemas em relação a piadas cercadas de preconceitos, elaborávamos discussões e diálogos que pudessem desconstruir essas rotulações, contudo, o grupo PIBID trabalhava sequencialmente a disciplina e todos os conteúdos relativos a Educação Física, mas que tinha como especificidade esta pesquisa em diálogo com as problemáticas emergentes durante as aulas, em que voltávamos nosso olhar para o campo da pesquisa ação.

### **A EXPERIÊNCIA DO TESTEMUNHO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO NA ESCOLA CAMPO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Iniciando os trabalhos de investigação e intervenção na escola com o conteúdo de Jogos e Brincadeiras, pedimos em umas das primeiras atividades propostas, para que os alunos em duplas do mesmo sexo se abraçassem e depois sexos opostos, para quebrar esse medo, esse distanciamento do contato com o outro, sendo que todos os alunos se abraçaram de uma forma descontraída, sentiram o prazer em um simples gesto de aproximação, apenas um aluno do sexo masculino não quis abraçar os colegas, se sentiu envergonhado, para acabar com esse receio conversei com ele e perguntei se eu poderia abraça-lo, ainda meio envergonhado me abraçou.

Em outro momento das intervenções na escola campo, estava eu observando alguns alunos do sexo masculino no pátio da escola jogando futebol, e com essa turma de meninos havia ali uma menina, simplesmente uma, jogando futebol junto aos demais colegas, e percebi que todos estavam muito nervosos com ela, xingavam, gritavam, e ela como uma forma de se defender, imagino eu, agia com uma agressividade sobre a bola, passava a bola com raiva, nervosa, irritada. Em um momento ali, a menina jogando, caiu e se machucou, e eu só observando, quando vi uma professora que saiu de dentro da sala onde estava ministrando sua aula em direção da turma que estava jogando futebol, foi quando ouvi ela

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

brigando com a menina, dizendo, “Isso que da jogar um jogo de homem, isso aqui não é jogo de menina brincar.”

Outro momento observado no pátio da escola foi quando vi uma turma de meninos jogando futebol, e um aluno que estava com um de seus braços quebrado apoiou o seu braço sobre o ombro de outro colega do sexo masculino, foi quando vi uma professora vindo em direção deles, e escutei ela questionando, o que era aquilo ali, onde já se viu homem encostar em outro homem, repreendendo aquele gesto.

Em uma aula com atividade de pintura em cartolinas, pedimos para que cada aluno falasse sobre o significado do seu desenho, e percebi que enquanto todos pintavam, coloriam suas imagens com todas as cores que estavam ali disponíveis, rosa, azul, vermelho, verde, roxo, amarelo, preto, dentre outras.

Logo em seguida tirei o meu celular do bolso de forma proposital, um celular que porventura é da cor rosa, quando mostrei para eles/elas, todos/as começaram a rir, com piadinhas, dizendo que aquele celular era de mulherzinha. A partir daí comecei a intervir no acontecido e fazer vários questionamentos sobre as cores, o porquê eles achavam que o rosa era de mulher e o azul de homem, se eles achavam mesmo que o homem que usava rosa era mulher e vice-versa, alguns ficaram sem saber me responder, outros já disseram que a mãe ou o pai tinham falado que sim, que ambos os sexos tem cores específicas.

A partir daí, pudemos perceber que alguns alunos do sexo masculino estavam usando camiseta de cor rosa, inclusive o professor da escola, foi quando perguntei o que eles achavam, se o professor por estar usando uma cor que supostamente seria específica para mulher estaria deixando de ser homem, sendo que também algumas alunas do sexo feminino estavam usando a camiseta de cor azul, que era justamente a cor do uniforme da escola, e questionei várias vezes se todas as meninas então que estavam usando aquele uniforme tinham deixado de ser meninas simplesmente por uma cor. Explicamos então, que as cores não afetam ou interferem no que é ser homem ou o que é ser mulher, elaboramos uma discussão e um debate sobre o assunto abordado, sobre a beleza que as cores possuem, que todas as cores podem ser utilizadas por todos sem nenhum problema, que todos ali tinham desenhado e pintado seu desenho com uma variedade de cores, e isso não havia mudado nada quanto ao corpo deles.

Um fato que várias aulas pudemos observar, foram as piadas relacionadas com nomes pejorativos, chamando o colega por nomes como, veado, boiola, gayzinho, bicha.

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Ate que um dia vejo um aluno chamando o outro de veado, foi quando parei a aula que estava ministrando e questionei sobre o que era ser veado, e o próprio aluno que usou o termo foi quem me respondeu que veado pra ele era um “bicho do mato”.

A partir dessas intervenções, análises e observações durante as aulas foi que relacionei as memórias de minha infância, em que o mesmo acontece na vida dessas crianças, assim, surgiu a necessidade de abordar, pesquisar e identificar o como as rotulações estão presentes no dia a dia desses pequeninos, que na maioria das vezes não sabem nem o significado e o peso da palavra boiola, bicha, veado, sapatão, e simplesmente reproduzem o que escutam e o que veem tanto fora da escola como até mesmo dentro daquele ambiente.

Com todos esses relatos, pudemos observar o como os alunos desde a infância já criam esse estereótipo do que é ser homem e o que é ser mulher, como deve ser a constituição desses indivíduos perante a sociedade, o como as linguagens, os sinais, os signos interferem na ideia da construção do corpo, como se usar uma cor que não seja determinada para o seu sexo fosse modificar algo biológico ou até mesmo na construção de sua sexualidade.

Uma sociedade que o tempo todo está reprimindo os desejos, as vontades, as fantasias, as imaginações das crianças, uma sociedade que controla, vigia e puni os corpos.

Podemos destacar também, a influência da indústria cultural, em que a TV, as letras de músicas, o marketing do mercado capitalista, que define, marca, e demarca os padrões hegemônicos, produz e reproduz saberes, formando opiniões e concepções estereotipadas, preconceituosas e homofóbicas.

...a "indústria cultural" é a cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria na formação social, inclusive no plano das próprias necessidades sensíveis a que correspondem os valores de uso dos bens na sociedade de consumo. O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultural, limita-se a uma "semiformação", a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais. (ADORNO, 2008, p.23.)

Portanto, acreditamos na potencialidade tanto da TV não educativa, como também de outros meios de comunicação, que constroem conhecimentos, mesmo que estes sejam negativos, como no caso das concepções estereotipadas acerca de produtos e mercadorias, tendo como exemplo, os carrinhos já vendidos especificamente para meninos, as roupas e

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

os móveis azuis antes mesmo da criança nascer, como as bonecas delicadas e cheias de acessórios para que as meninas possam brincar, e do mesmo modo com a cor rosa já delimitada para associar ao seu sexo. Do mesmo modo, podemos perceber a força que a rede de televisão brasileira tem influenciado e reforçado os padrões hegemônicos, em que os casais felizes, livres e autônomos são simplesmente os casais heterossexuais. Contudo, argumentamos que todos estes saberes e formações, são formas em que o marketing do mercado capitalista impõe formas de vivermos dentro da normalidade social.

Em uma das aulas, contamos uma história para os alunos, a partir daí podemos instiga-los, dizendo para eles/as, que deveriam fechar os olhos e imaginar toda a história, e quando abrissem os olhos cada um/a iria dizer sobre o que tinha imaginado e visto na caverna que havia naquela história, e que cada um deveria trocar de sexo, que a partir dali os meninos não seriam mais meninos e do mesmo modo com as meninas, trocando os papéis sociais. A reação dos/as alunos/as foi bastante assustadora, mas foi uma dinâmica rica, em que quando acabávamos de contar, pedíamos para que abrissem os olhos e cada um/a falasse sobre o que havia criado e imaginado, nos dizendo seu nome, profissão, se eram casados/as, se tinham filhos, e se eram felizes sendo como eram. Todos/as se divertiram bastante, e podemos fazer com que os/as alunos/as refletissem sobre como era ter o sexo e o papel oposto na sociedade, em que nos possibilitou problematizar e perceber as concepções estereotipadas que os alunos possuíam, como falas em que os meninos diziam: *“Meu nome é Marcela, tenho 20 anos, não tenho filhos e não sou casada e sou cabeleireira”*.

Com as falas dos alunos podemos analisar os papéis sociais em que os meninos davam para sua personagem, profissões que são direcionadas para o gênero feminino.

O mesmo percebíamos com as meninas que diziam: *“Meu nome é João, tenho 35 anos, sou casado com minha mulher a 3 anos, e tenho 2 filhos, há, e sou caminhoneiro”*.

Portanto, as falas dos meninos eram carregadas de relações de poder e autoridade sobre a mulher, como, *“minha mulher”*, como algo que fosse de sua posse, como também sempre falas em que existissem somente homens casados com mulheres, ou seja, uma visão de casal hegemônico, somente casais heterossexuais que tinham uma relação afetiva.

Outro procedimento metodológico foi quando trabalhamos com a problemática de como se dão às construções de feminilidades e masculinidades a partir de atividades cotidianas. Assim, selecionamos algumas imagens de algumas pessoas em atividades

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

diversas como: lavando roupa, cozinhando, dirigindo caminhão, cortando grama, pintando casa, jogando futebol, dançando bale, entre outros, todavia todas as atividades consideradas como sendo de homens, nas fotos eram mulheres que praticavam a ação e vice-versa.

Então, perguntamos para eles/as “*quem é que faz isso?*”, no caso de dirigir o caminhão. E foi partindo dos comentários que fizemos questionamentos e discussões. Por que é coisa de homem/mulher? Por que homem/mulher não podem praticar determinadas atividades? Quem disse que é coisa de homem/mulher?

Todas as imagens foram expostas através da projeção no data show, em que os alunos tiveram contato com fotos que chamassem a atenção e que pudesse fazer com que os mesmos questionassem, dialogassem e tirassem suas dúvidas. Percebemos que com todas as discussões por todo o percurso da intervenção, os/as alunos/as já estavam com um olhar mais igualitário, sem preconceitos em relação as atividades cotidianas de homens e mulheres, em que diziam: “*Tanto homem como mulher tio, pode dançar, jogar futebol, dirigir caminhão, cozinhar, cuidar dos filhos*”.

Dando continuidade ao processo de intervenções, separamos e mostramos alguns vídeos que falavam sobre o valor das diferenças, em que fizemos uma exposição de vídeos que mostravam a diversidade que existe no mundo, sobre a cor azul e rosa, pessoas com e sem deficiência, casais do mesmo sexo e do sexo oposto com relações afetivas, entre várias outras diferenças presentes na sociedade.

Além desses vídeos, pudemos planejar uma aula que pudéssemos tratar especificamente de discussões voltadas para o campo da sexualidade, em que levamos algumas fotos das diversas constituições familiares, como no caso de expormos imagens de homens casados com pessoas do seu mesmo sexo, mulheres casadas com outras mulheres, homens casados com mulheres, e alguns desses casais tinham filhos/as, ou seja, constituíam uma família feliz, famílias que se amam, se respeitam.

A partir dessa intervenção, os alunos não demonstravam tanto estranhamento como no início da pesquisa ação, sendo que ao mostrarmos as fotos para os/as alunos/as, perguntávamos, “o que vocês acham dessa imagem? O que essa imagem significa para vocês?”, alguns ficavam quietos, só observando, outros/as diziam que as fotos expressavam pessoas que se amavam, e algumas meninas diziam “o que tem as pessoas do mesmo sexo se amarem né tio”. Um momento bastante rico, de dizer e mostrar que existe sim aqueles casais, e se vemos todos aquelas famílias constituídas em ambientes tanto fora como

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

dentro da escola, temos que aprender a olhar com um olhar de respeito e normalidade, e não de estranhamento.

Um último momento para encerrar nossa pesquisa, e concluirmos se o nosso trabalho foi relevante e se houve mudanças e transformações naquele ambiente desde o início da nossa pesquisa, foi quando propomos um concurso de cartazes e demos o nome de “Dia das cores e da diversidade”, sendo que os/as alunos/as deveriam desenhar, escrever e demonstrar tudo que havíamos discutido durante todo o percurso da intervenção, sobre as cores, azul e rosa, sobre os papéis sociais exercidos por homens e mulheres na nossa cultura, sobre a diversidade de casais constituídos socialmente, sobre os termos que havíamos discutido em sala e que a partir dali as palavras “boiola, veado, sapatão”, não mais faria parte do nosso vocabulário, sobre as violências, sobre o sentido de ser humano e sobre o respeito. A seguir estão expostas algumas fotos das discussões que fazíamos durante as aulas, em que usávamos o quadro da sala para demonstrar o que discutíamos, para exemplificar e poder fazer com que os alunos refletissem, e também imagens dos alunos desenhando, pintando, escrevendo e construindo seus cartazes.



Neste dia levamos tintas e cartolinas para que os alunos pudessem aproveitar desse momento para fazer desse dia um mundo de fantasias, criatividade, relacionando a Educação Física, as artes, o lúdico como algo prazeroso, com o objetivo de que todos os alunos e alunas pudessem utilizar e experimentar todas as cores possíveis, rosa, azul, entre outras cores que fazem parte de um mundo fantasiado. Sendo que através dessa atividade pudemos discutir sobre todas as cores, quebrando esses tabus construídos na sociedade, que definem os padrões hegemônicos através de símbolos e signos construídos culturalmente e socialmente. Símbolos estes que estão presentes na vida dessas crianças, em que as mesmas enxergam como algo que possa refletir e interferir na sexualidade. Em

## **Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

anexo se encontram demonstrações de alguns dos desenhos construídos nos cartazes pelos alunos.

### **Considerações Finais**

Ao buscar entender as mediações na concepção de gênero, educação do corpo e sexualidade, percebe-se a carência em abordar e intervir nessas temáticas na Escola Estadual Madre Natividade, pois compreendemos que nem mesmo as professoras da escola estão preparadas para abordar esse assunto e intervir de forma significativa na concepção desses alunos, pois as próprias professoras interferem e reproduzem essa ideia estereotipada em relação ao comportamento do corpo feminino e masculino a todo o momento.

Sendo assim, concluímos que nosso trabalho está sendo elaborado de forma pertinente, com extrema relevância social e científica, trazendo contribuições de forma rica na construção de sujeitos que saibam do mínimo necessário para que possamos ter uma sociedade justa e igualitária, e para que novas pesquisas possam ser estudadas e aprofundadas no campo discutido do presente trabalho. Portanto conseguimos até o presente momento responder a questão problema, no qual o papel em que o PIBID desenvolveu foi indiscutível, trazendo contribuições ricas e significativas, desconstruindo e fazendo os alunos repensarem sobre os corpos presentes na sociedade, cooperando para uma formação mais humana, no qual enxerga o ser humano em sua totalidade, sem rotulações, preconceitos e enganos.

E destacamos por fim, a importância de se repensar a formação continuada de professores/as, pois muitas vezes somente o curso de graduação não capacita o suficiente para que possamos intervir de maneira enriquecedora nas relações de corpo, gênero e sexualidade dos indivíduos, pois a capacitação e formação desses educadores e educadoras construídas de forma aprofundada e com maior ênfase garante a formação de sujeitos

## Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

críticos, reflexivos, emancipados, além de garantir uma educação de qualidade para todos/as.

### Referências:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 8ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: Uma Revisão Teórica. 75, 2004. Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

HEILBORN, Maria Luíza (org). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 176 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PANIZZI, Conceição Aparecida Fernandes Lima . **A Relação Afetividade-Aprendizagem no cotidiano da sala de aula**: enfocando situações de conflito. Espaço Psicopedagógico. Jan/2010.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2. Jul./dez. 1995, p. 71-99.

SOARES, Carmem Lúcia et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

**Revista Iniciação & Formação Docente**

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa- ação. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2002.